

Em 1968, eu tinha 13 anos e assisti, estupefato, à prova símbolo do atletismo olímpico, os 100 metros rasos na Olimpíada do México. A estupefação não ocorreu exatamente na prova, vencida pelo norte-americano Tommie Smith, com o compatriota John Carlos em terceiro e o australiano Peter Norman em segundo lugar. Lembro-me de que fiquei chocado com o que aconteceu na premiação, com os negros Smith e Carlos descalços, cabeças levemente abaixadas e os braços erguidos com luvas nas mãos – à la Panteras Negras – enquanto o hino nacional americano era executado. Nunca tinha visto nada parecido, e uma pergunta não cansava de se repetir em minha cabeça: mas pode isso? Sim, eu conhecia os Panteras Negras – que queriam instalar um Estado negro dentro dos EUA, tomado pela luta armada. O contrário de tudo o que dizia o pastor Martin Luther King (ele e Robert Kennedy seriam mortos naquele mesmo ano), a quem eu admirava de longe. A resposta veio em seguida, quando o Comitê Olímpico dos EUA escorraçou os dois atletas de volta para casa. Felizmente, não tiveram que devolver suas medalhas. Ali aprendi que, apesar do que sempre protagonizou o Comitê Olímpico Internacional (COI), esporte e política poderiam se misturar.

Outra memória impressionante: a final dos 100 metros rasos em Seul 1988. Minha simpatia era toda para o jamaicano naturalizado canadense Ben Johnson. Seu grande adversário, o ídolo norte-americano Carl Lewis, para mim, na época, o supressumo da arrogância. Eu não gostava dele e achava estranho que um corredor competisse também no salto a distância. Chegou o dia e a imagem ficou guardada na minha cabeça desde então. O que me impressionou não foi o tempo anotado naquele dia (incríveis 9s79), mas a forma como a prova transcorreu. Johnson terminou a corrida desacelerando, o braço direito esticado com o dedo indicador apontando para cima. Os narradores de TV quase enlouqueceram comentando a proeza – que acabou dois dias depois, com o resultado de *doping* para Johnson, com sua medalha de ouro confiscada e entregue a Lewis.

Pois bem, caríssimos leitores, o dossiê que temos o prazer de lhes apresentar intitula-se Jogos Olímpicos e aborda o tema das formas mais prazerosas e diferentes possíveis. Um trabalho que contou com a feliz organização de Flavio de Campos e de seu exemplar grupo de pesquisas esportivas – o Ludens. Nossos agradecimentos ao Flavio, que tornou possível a reunião de ponta, pois todos os 11 textos são de qualidade indiscutível e nos deu enorme prazer editá-los. O que você leu acima é apenas um aperitivo sobre o tema Olimpíadas. Há espaço, inclusive, para os Gay Games, discutidos num extenso e valioso artigo.

Francisco Costa

